

# PERCEPÇÃO MUSICAL: O DESENVOLVIMENTO DO OUVIDO RELATIVO E SUAS PARTICULARIDADES

## Autor

Jeilson Morais Nascimento  
violaojm@gmail.com

## Orientadora

Nayana Di Giuseppe Germano  
nayana.germano@ufsm.br

Universidade: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Data de Submissão: 26/02/2020

Data de Aprovação: 27/05/2020

## RESUMO

Nos cursos de percepção musical, almeja-se o aprimoramento do Ouvido Relativo (OR) que, para músicos, é a capacidade de identificar e nomear intervalos e outros elementos musicais como tonalidades, escalas, tríades/tétrades, progressões harmônicas, entre outros. Um total de 40 estudantes dos cursos de música da UFSM participaram da pesquisa. Os voluntários responderam a um questionário acerca de suas habilidades auditivas musicais e tempo de estudo. Como resultado, uma parte considerável dos alunos declarou enfrentar diversas dificuldades relativas à percepção musical, em especial ao solfejo, e relataram falta de estudo individual. A pesquisa levantou dados qualitativos sobre como alunos de nível superior em cursos de Música se comportam perante seus estudos de percepção musical e desenvolvimento do OR. Esses dados são parte de uma pesquisa em andamento que busca o aprimoramento dos métodos de ensino de percepção musical.

## PALAVRAS-CHAVE

Ouvido relativo. Percepção musical. Graduação em música. Solfejo melódico. Ditado melódico.

## ABSTRACT

*The aim of aural skills courses is to improve Relative Pitch (RP). For musicians, it is the ability to identify and label intervals and other musical elements, such as tonalities, scales, triads/tetrads, harmonic progressions, among others. A total of 40 UFSM undergraduate music students took part in this research. Voluntaries answered a questionnaire about their aural skills and study time. Results indicate that a significant part of the students declared to face several difficulties related to musical perception, especially sight singing, and reported a lack of individual study. This research collected qualitative data on how undergraduate music students behave in their studies of music perception and RP development. These data are part of an ongoing research project that seeks to enhance music perception teaching methods.*

## KEYWORDS

*Relative pitch. Aural skills. Undergraduate music course. Sight singing. Ear training.*

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de habilidades auditivas ligadas à percepção musical é essencial para o aprendizado e sucesso daqueles que escolhem a música como carreira

(CARLSEN, 1981; SIDNELL, 1973). A percepção musical tem o papel de auxiliar, através de habilidades auditivas, a compreensão de elementos fundamentais que compõem a música. Muito se questiona sobre a utilização e importância da percepção e leitura musical dentro da performance. Nesse sentido, podemos citar dois estudos. O primeiro demonstrou que músicos se utilizam da orientação visual enquanto estão aprendendo a música e da orientação auditiva durante a performance. Quando a música é tocada de memória, músicos se utilizam da notação musical para ajudar a internalizar a peça antes de reproduzi-la auditivamente sem o auxílio da partitura (MCPHERSON; BAILEY; SINCLAIR, 1997). O segundo estudo propôs avaliar, através de testes, a habilidade da performance como preditora da habilidade de leitura musical, ou seja, se uma boa desenvoltura performática permite inferir uma melhor habilidade de leitura musical. Os resultados sugerem que, embora as habilidades raciocínio/espço-temporal e proficiência técnica sejam independentes, a acurácia na leitura musical depende da combinação das duas (HAYWARD; EASTLUND, 2009). A correlação entre a notação musical e o entendimento de como a música soa sem o auxílio de um instrumento, ou seja, usando o que

chamamos de ouvido interno, é desenvolvida através da prática da percepção musical, em especial do solfejo.

A prática do solfejo exige que o músico olhe para a partitura e consiga perceber a melodia “soando em seu cérebro”, processo o qual Edwin Gordon (1999) chama de audição. A audição é crucial para um melhor desempenho na leitura melódica, ao passo que é possível aprimorar o solfejo por meio dos elementos que a compõem. Além disso, para um solfejo satisfatório, o músico deve evitar a leitura de “nota a nota”, o que seria equivalente a ler “letra por letra” em um texto complexo: dificilmente a compreensão do todo, do sentido, do significado ou sua interpretação, se dará de forma satisfatória. Dessa forma, o bom leitor faz uso de estruturas para aprimorar sua capacidade (SLOBODA, 1974). Através da consciência dos padrões musicais, o cérebro compacta informações e condensa vários elementos, armazenando-os na memória de curto prazo (WOLF, 1976).

Nos cursos de percepção musical, almeja-se o aprimoramento do Ouvido Relativo (OR) que, para músicos, é a capacidade de identificar e nomear intervalos e outros elementos musicais como tonalidades, escalas, tríades/tétrades, progressões harmônicas, entre outros (GERMANO, 2015). Contudo,

os alunos de ensino superior em música costumam apresentar um alto grau de heterogeneidade quanto à percepção de alturas, tanto no que diz respeito ao número de horas de exposição ao estudo perceptivo, quanto ao tipo de estudo em que estes foram inseridos (se formal, informal, popular, entre outros).

Nesse sentido, encontra-se um enorme desafio na abordagem coletiva do ensino/aprendizado da percepção musical para alturas em cursos de Percepção Musical de ensino superior, seja nos solfejos e ditados melódicos tonais, modais e atonais, ou no estudo de progressões harmônicas. Com tais questões em mente, iniciou-se uma pesquisa baseada em questionários<sup>1</sup> com o intuito de realizar um levantamento dos caminhos individuais utilizados pelos alunos dos cursos de Música da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no que diz respeito às tarefas perceptivas musicais que exigem o uso do OR: quais são esses meios, como é feita a correspondência entre a maneira de realizar o aprendizado individual e o modo como são conduzidas as aulas coletivas de percepção e como eles enxergam sua evolução no que diz respeito à percepção musical para alturas. Foi feito um levantamento de autodeclarações de discentes em relação à sua habilidade

<sup>1</sup> Aprovado pelo Comitê de Ética na Plataforma Brasil – CAAE: 15811419.6.0000.5346.

musical auditiva e metodologias de estudo individual. O objetivo da pesquisa é buscar informações que permitam aprimorar métodos, aulas e abordagens do ensino de percepção musical em nível superior. Tal questionário visa complementar qualitativamente as informações quantitativas apresentadas em Germano (2018).

## METODOLOGIA

Um questionário foi aplicado nos meses de outubro e novembro de 2019 e respondido por 40 voluntários, 28 homens, com faixa etária entre 18 e 36 anos, todos alunos de graduação em cursos de música da UFSM. Os voluntários cursavam, naquele momento, as disciplinas Teoria e Percepção Musical II e IV. O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi assinado em duas vias pela docente responsável e pelo discente participante, sendo uma delas entregue ao voluntário. O questionário foi composto por 16 questões, dentre elas 13 objetivas e 3 discursivas. Opcionalmente, nas questões objetivas, os voluntários puderam escrever comentários que julgaram relevantes.

O tempo médio de resposta foi de 20 minutos e a coleta ocorreu tanto nas salas de aula quanto em outros espaços do prédio de Música da UFSM. Com todos os

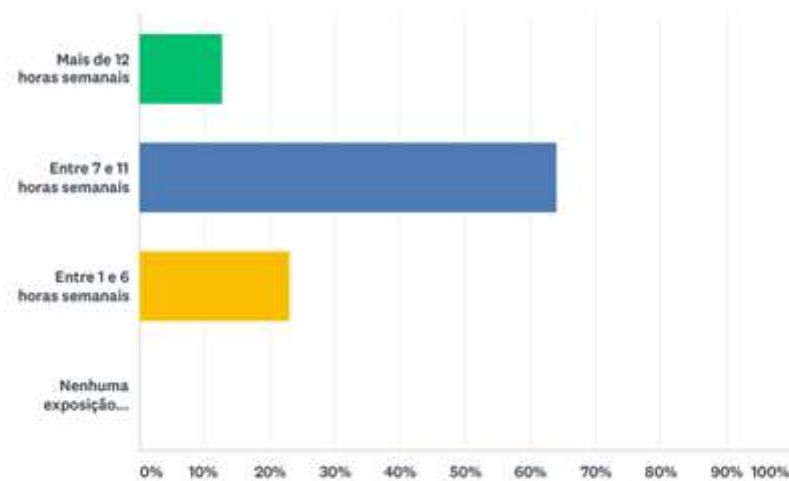
questionários entregues, em dezembro de 2019, as respostas foram tabuladas e analisadas em termos de frequência na plataforma Survey Monkey.

## RESULTADOS

Os resultados foram observados e analisados no que diz respeito às autodeclarações dos voluntários discentes do curso

**Questão: Atualmente, qual a carga horária semanal utilizada por você para treinar percepção musical? Considere o tempo em sala de aula na disciplina Teoria e Percepção somado ao tempo de treinamento fora do horário de aula.**

Figura 1. Carga horária semanal dedicada ao estudo de percepção musical. Respostas: 39; Em branco: 1.



Respostas	Porcentagem	
Mais de 12 horas semanais	12.82%	5
Entre 7 e 11 horas semanais	64.10%	25
Entre 1 e 6 horas semanais	23.08%	9
Nenhuma exposição semanal	0.00%	0
<b>TOTAL</b>		<b>39</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

de música da UFSM, os quais descreveremos a seguir.

A primeira questão indagou sobre como os discentes enxergam a importância do desenvolvimento do OR em suas carreiras. Para sanar possíveis dúvidas, o conceito de OR foi explicado pelo pesquisador que aplicou os questionários. O total de 100% dos participantes declarou considerar o desenvolvimento do OR muito importante.

Compreender a necessidade da desenvoltura dessa habilidade é o primeiro passo para o empenho nos estudos e, apesar de ser um ótimo início, temos que ter em mente que é necessário dedicar tempo de estudo para o seu pleno desenvolvimento. Dessa forma, para complementar a primeira questão, foi indagado qual o tempo dedicado ao estudo da percepção musical por cada estudante.

Tida como uma habilidade que demanda tempo de prática e exposição para seu pleno desenvolvimento, o número de horas despendido para tal tem influência direta em todas as perguntas que seguem.

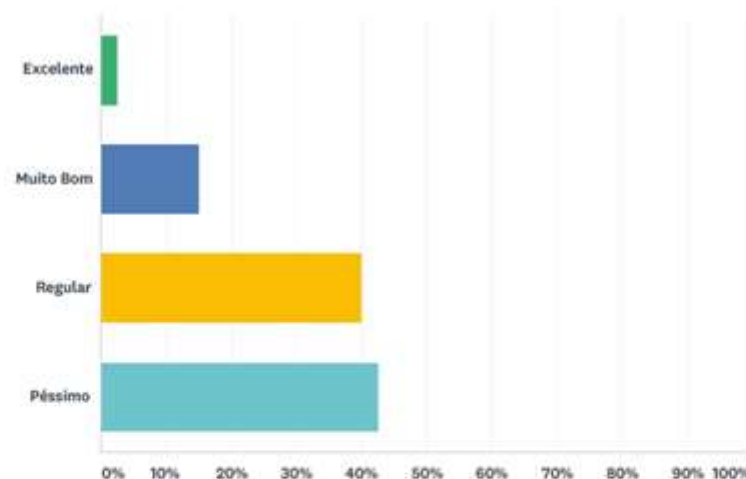
Em outra questão, observamos que 100% dos alunos consideram que possuem a habilidade do OR em algum grau. Combinando os resultados das duas questões,

pode-se suspeitar que os voluntários treinam percepção musical buscando um desempenho regular, mas não um excelente desempenho.

Para melhor compreender como os alunos definem sua percepção para alturas, as seguintes questões foram elaboradas:

#### Questão: Como você define seu solfejo melódico à primeira vista?

Figura 2. Habilidade do solfejo. Respostas: 40; Em branco: 0.

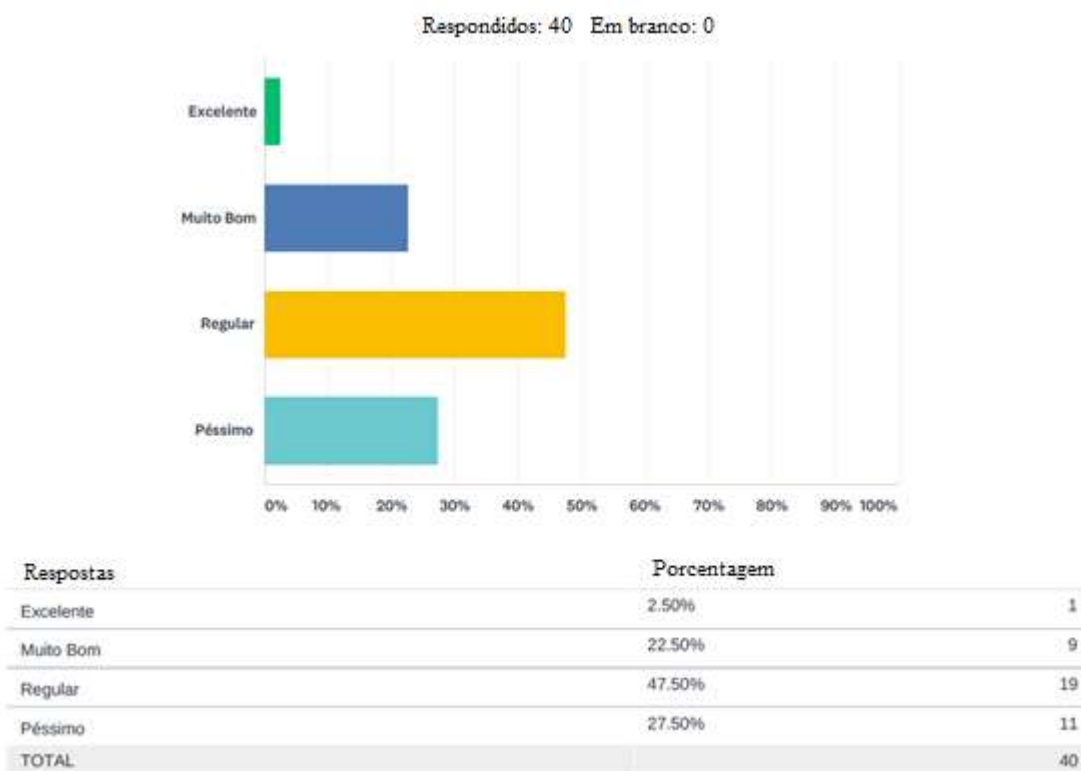


Respostas	Porcentagem	
Excelente	2.50%	1
Muito Bom	15.00%	6
Regular	40.00%	16
Péssimo	42.50%	17
<b>TOTAL</b>		<b>40</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

### Questão: Como você define seu desempenho em ditado para melodias?

Figura 3. Habilidade em ditados melódicos. Respostas: 40; Em branco: 0.



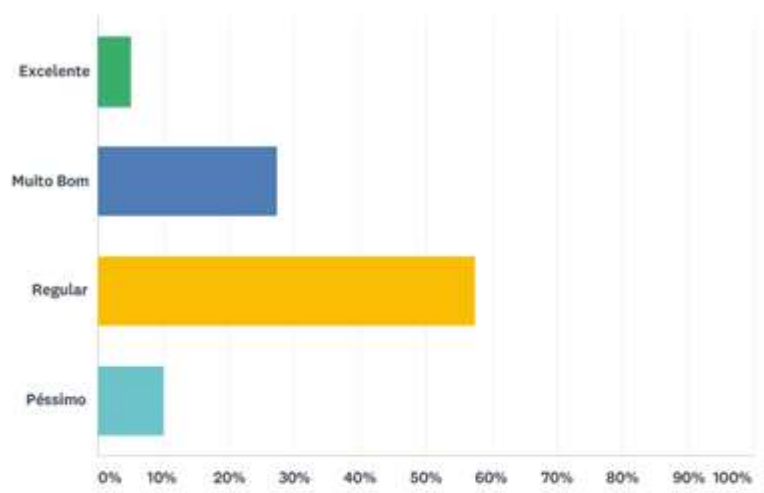
Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

A autodeclaração de desempenho em ditados melódicos, assim como o solfejo, é baixa. Visto que ambas as habilidades são dependentes e se somam, esperava-se que as respostas fossem semelhantes. O solfejo envolve o fenômeno da emissão: o músico lê a partitura, decodifica em seu cérebro as informações e emite, através da voz, aquilo que decodificou. O ditado envolve o fenômeno da recepção: o músico escuta determinada melodia, decodifica-a em seu cérebro e transporta essas informações para a partitura. Para compreender melhor a perspectiva dos voluntários, eles também foram questionados sobre o desempenho em ditados de progressões.

Os voluntários, em geral, se autodeclararam melhores em percepção harmônica quando comparada à melódica. Com este resultado, pode-se suspeitar que, para os alunos, é mais fácil reconhecer padrões musicais em exercícios harmônicos. Neles, ao invés de ouvir isoladamente as três notas de determinada tríade, os voluntários conseguem identificar sua qualidade e sua função harmônica. Apesar desses mesmos padrões estarem também presentes em melodias, foram considerados mais difíceis de serem reconhecidos.

**Questão: Como você define seu desempenho em ditado de progressões harmônicas?**

Figura 4. Habilidade perceptiva de progressões harmônicas. Respostas: 40; Em branco: 0.



Respostas	Porcentagem	
Excelente	5.00%	2
Muito Bom	27.50%	11
Regular	57.50%	23
Péssimo	10.00%	4
<b>TOTAL</b>		<b>40</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

Comparando o desempenho em solfejos e ditados, temos o seguinte resultado:

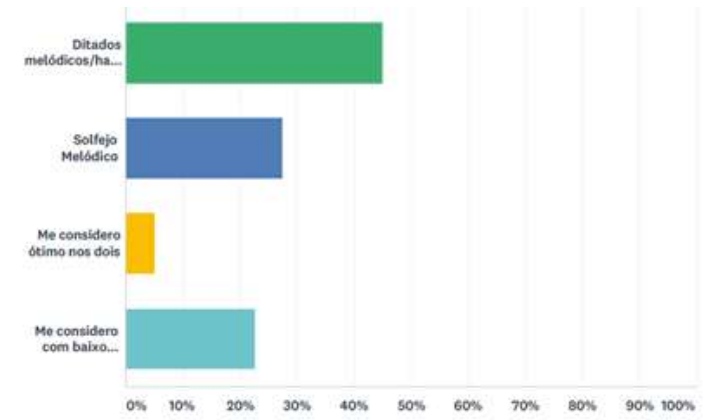
Os alunos se autodeclararam melhores em ditados melódicos (recepção) quando comparado a solfejos melódicos (emissão). Tal dado é curioso, uma vez que o desempenho nas provas regulares mostra o contrário<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> A informação acerca das provas regulares foi concedida pela professora dos alunos, que é orientadora deste trabalho.

Quando questionados sobre a capacidade de cantar a tônica quando uma progressão tonal básica I-IV-V-I é ouvida, os alunos responderam que, em geral, acertam, mas que eventualmente erram. Sendo assim, algumas questões foram elaboradas de forma a pesquisar como os alunos se relacionam com outros tipos de estruturas musicais.

**Questão: Você se considera melhor em ditados melódicos/harmônicos ou em solfejo melódico?**

Figura 5. Comparação entre habilidades de recepção (ditados) e emissão (solfejo). Respostas: 40; Em branco: 0.

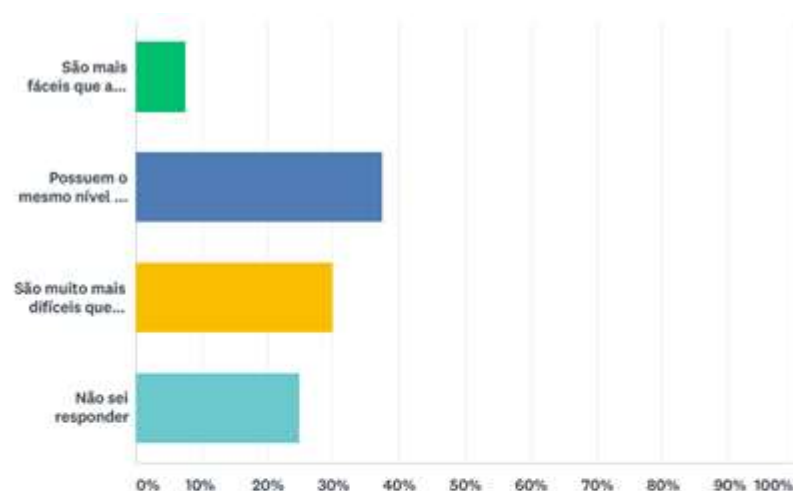


Respostas	Porcentagem	
Ditados melódicos/harmônicos	45.00%	18
Solfejo Melódico	27.50%	11
Me considero ótimo nos dois	5.00%	2
Me considero com baixo desempenho nos dois	22.50%	9
<b>TOTAL</b>		<b>40</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

**Questão: Qual é a sua relação com melodias modais,  
tanto no solfejo quanto no ditado?**

Figura 6. Familiaridade com o repertório modal. Respostas: 40; Em branco: 0.



Respostas	Porcentagem	
São mais fáceis que as tonais	7.50%	3
Possuem o mesmo nível de dificuldade das tonais	37.50%	15
São muito mais difíceis que as tonais	30.00%	12
Não sei responder	25.00%	10
<b>TOTAL</b>		<b>40</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

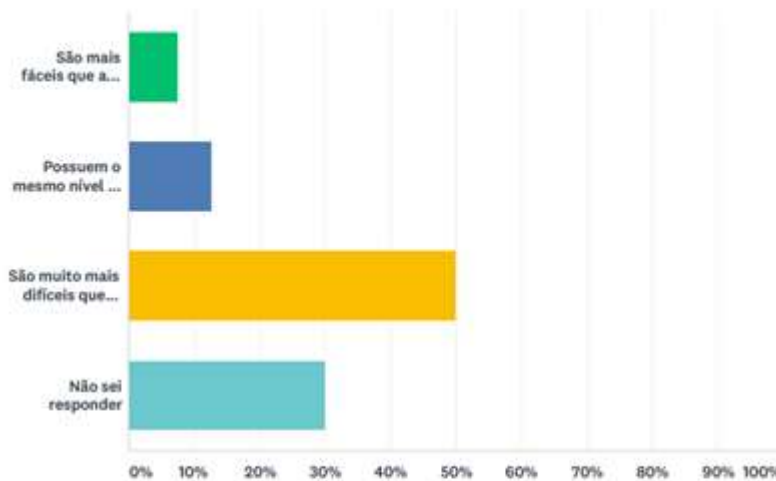
A maioria dos alunos considera que a percepção de melodias tonais tem o mesmo nível de dificuldade das modais, apesar de, juntamente com essa afirmação, alegarem falta de prática no repertório modal. Nas melodias atonais, as respostas foram as seguintes.

Os alunos, em geral, declararam que melodias atonais são bem mais difíceis que as tonais. Nos comentários, alguns estudantes argumentaram que, devido à falta de padrões melódicos, as melodias atonais tornam-se mais difíceis. É curioso observar que os alunos chamam de “padrões melódicos” apenas padrões tonais, o que nos leva a questionar sobre a ausência da compreensão do repertório atonal. As respostas sugerem que os alunos não são capazes de reconhecer padrões nas melodias, ou ao menos sentem grande dificuldade nesta tarefa, o que torna quase impossível a transcrição ou o solfejo fluente deste repertório.

Outro dado curioso é que quase 100% dos participantes deseja melhorar o desempenho em tarefas de percepção musical. No entanto, em comentários complementares, alguns estudantes acrescentaram que falta dedicação e esforço da parte deles para uma melhor desenvoltura.

### Questão: Qual é a sua relação com melodias atonais, tanto no solfejo quanto no ditado?

Figura 7. Familiaridade com o repertório atonal. Respostas: 40; Em branco: 0.



Respostas	Porcentagem	
São mais fáceis que as tonais	7.50%	3
Possuem o mesmo nível de dificuldade das tonais	12.50%	5
São muito mais difíceis que as tonais	50.00%	20
Não sei responder	30.00%	12
<b>TOTAL</b>		<b>40</b>

Fonte: Plataforma Online Survey Monkey.

Outras três questões discursivas foram realizadas. A primeira visou investigar sobre os avanços individuais em percepção musical para alturas obtidos desde o início dos estudos na Universidade. A segunda questão abordou os pontos de maior dificuldade na percepção musical de alturas e que,

portanto, os estudantes precisariam aprimorar. A terceira questão foi dedicada a coletar informações sobre as aulas de percepção da Universidade: se elas poderiam melhorar, quais os pontos positivos e negativos, entre outros. A partir dessas respostas, observou-se que a maior parte dos alunos não teve

contato com o conteúdo de percepção musical antes da Universidade, logo, tudo o que desenvolveram nesse quesito foi após o ingresso (o que equivale a um tempo médio de exposição de 1 a 3 anos). Os voluntários também relataram necessidade de uma carga horária maior da disciplina, possibilitando maior exposição ao conteúdo. Declararam, por fim, que a metodologia da UFSM é boa e que acreditam que a dificuldade no aprendizado está na falta de dedicação e estratégia de estudo individual.

## CONCLUSÕES

De acordo com os dados coletados, os alunos participantes declararam enfrentar diversas dificuldades relativas à percepção musical, em especial ao solfejo, e relataram falta de estudo individual. Os discentes passam, semanalmente, 6 horas expostos ao conteúdo de percepção musical durante as aulas (carga horária da disciplina na UFSM). Sendo assim, de acordo com as respostas dos alunos, percebemos que a grande maioria estuda sozinho cerca de 1 a 5 horas semanais (e alguns estudam 0 horas fora da sala de aula). Esse número de horas de estudo individual é extremamente baixo para uma boa desenvoltura na habilidade, especialmente se for considerado que a maior parte dos alu-

nos nunca teve contato com este conteúdo antes de ingressar na Universidade. A título de comparação, é sabido que um bom instrumentista passa, diariamente, de 5 a 10 horas estudando o seu instrumento, e esse tempo se mantém constante, mesmo quando o instrumentista se torna profissional. Visto que a percepção musical também é uma disciplina prática que exige estudo diário, é difícil alcançar bons resultados com baixa carga horária de exposição.

Outra questão importante é a qualidade do tempo despendido individualmente ao estudo da percepção musical. Muitas vezes o aluno não possui informações suficientes para estudar sozinho de forma eficaz. Entretanto, existem diversas estratégias para que se obtenha um melhor desempenho, sendo que uma delas é desenvolver a capacidade de identificar padrões musicais, o que ajuda a tornar o conteúdo inteligível. O mesmo procedimento pode ser aplicado em todos os tipos de repertórios, inclusive os atonais.

O crescimento é lento e gradual, demandando muitos exercícios de solfejos, ditados e progressões, mas é nítida a evolução dos alunos que se dedicaram, visto que muitos não haviam treinado formalmente suas habilidades auditivas antes da graduação. Sendo

assim, o desenvolvimento individual foi obtido a partir da ação conjunta entre as aulas de percepção musical e o empenho de cada um.

Esse foi um estudo baseado em depoimentos, que buscou levantar alguns dados qualitativos relativos ao estudo da percepção musical em alunos de graduação em música da UFSM. Esses dados fazem parte de uma pesquisa mais ampla que busca o aprimoramento dos métodos de ensino de percepção musical nos cursos de graduação em Música do Brasil. No futuro, serão agregados a outros dados para uma avaliação mais consistente.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os alunos da UFSM que se voluntariaram a participar da pesquisa. Agradecemos igualmente ao Centro de Artes e Letras e ao Departamento de Música da UFSM pelo apoio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLSEN, J. C. Auditory perception: concerns for musical learning. Musical educators national conference. In: **Proceedings of the ann arbor symposium on the applications of psychology to the teaching and learning of music**. Virginia: Reston, 1981. p. 8-15.

GERMANO, N. G. **Em busca de uma definição para o fenômeno do ouvido absoluto**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/128062>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GERMANO, N. G. **Ouvido absoluto e ouvido relativo: um estudo psicométrico dos traços latentes**. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/157223>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GORDON, E. All about audiation and music aptitudes: Edwin E. Gordon discusses using audiation and music aptitudes as teaching tools to allow students to reach their full music potential. **Music Educators Journal**, v. 86, n. 2, 1999, p. 41-44.

HAYWARD, M.; EASTLUND, G. Relationships among music sight-reading and technical proficiency, spatial visualization, and aural discrimination. **Journal of Research in Music Education**, v. 57, n. 1, p. 26-36, 2009.

MCPHERSON, G.; BAILEY, M.; SINCLAIR, K. Path analysis of a model to describe a relationship among five types of musical performance. **Journal of Research in Music Education**, v. 45, n. 1, p. 103-129, 1997.

SIDNELL, R. **Building instructional program in music education.** New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

SLOBODA, J. The Eye-hand Span: An Approach to the Study of Sight Reading. **Psychology of music**, v. 2, n. 2, p. 4-10, 1974.

WOLF, T. A Cognitive Model of Musical Sight-Reading. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 5, n. 2, p. 143-171, 1976.